

FOTOGRAFIA NA PRISÃO, NÃO FOTOGRAFIA DA PRISÃO. NÃO APENAS UM PROBLEMA SEMÂNTICO

LUÍS BARBOSA

the portuguese prison photo project – Montagem da exposição. Luís Barbosa.



Um local em que não queremos estar, num tempo que parece ter dimensões diferentes. Um local em que sabia que iria sair, e esse saber tornou-me apenas num visitante, um intruso guiado e constantemente vigiado. Com uma forte intenção, a de possibilitar um médium emotivo e reflexivo sobre este profundo assunto. Um relato inconsistente, subjectivo e pessoal.

Uma das muitas questões que me assolaram foi relativamente às imagens pré concebidas mentalmente, sobre o que poderia ou “deveria” fotografar, fruto de alguns outros trabalhos fotográficos que conheço, e maioritariamente do cinema e séries televisivas, sobretudo num universo fortemente marcado pelo sensacionalismo de arquétipos prisionais. Percebi que alguns destes foram também alvo da minha visão fotográfica, alguns deles cedidos voluntariamente por reclusos, caso da fotografia das tatuagens e grupo de jovens em pausa para trabalho.

Existirá uma maneira de fotografar prisões? A proposta devido a condicionantes temporais, logísticos e do âmbito da segurança dos estabelecimentos prisionais, reforçou a perspectiva de fotografar *na prisão* e não fotografar *a prisão*. O projecto em parceria com o meu colega Peter Shulthess foi assim conotado por duas visões completamente e naturalmente distintas. Sendo a minha primeira abordagem neste contexto, decidi ser o mais fiel possível ao meu modos operandi fotográfico. Camara fotográfica na mão e actuação quase instintiva sobre os elementos e situações que me suscitavam questões e me ajudavam a perceber a *dia-a-dia* nas prisões que visitei.

A proibição de identificação dos reclusos no nosso trabalho, recorrendo a enquadramentos e tomadas de vista que ocultariam a face, são também um fenómeno de análise neste contexto de “fotografia na prisão, não fotografia *da* prisão”. Ainda que por vezes a questão do retrato me tenha seduzido imensamente, pois na face e, sobretudo, no olhar reside muita possibilidade narrativa e emotiva, esta proposta não seria de todo a minha primeira abordagem aos reclusos. Não pretendia, ainda que me fosse permitido, essa identificação e proximidade emotiva, esse carácter pessoal e individual, mas sim a metáfora de “qualquer um de nós”, representado pelos registos não identificativos na minha captação fotográfica. A minha posição é assumidamente filosófica sobre o assunto, a minha acção fotográfica foi enquadrada em emoção e reflexão, nesta possibilidade de captar o ser humano em reclusão.

A fotografia aprisiona o espaço e o tempo, este conceito não deixou de me perseguir durante todo este processo, factor determinante para a minha proposta visual. Com todo o respeito e seriedade pela verdadeira reclusão prisional, o que faço ao fotografar é também uma reclusão, e ao fotografar em prisões esta condicionante

foi muito importante para o ambiente psicológico que vivi durante, sobretudo, os dias que fui fotografar os estabelecimentos prisionais. A exposição culminar no CPF, Porto, uma antiga cadeia reforçou este conceito, recriando uma tríade curiosa e nada inocente : fotografia, fotografia de prisões, antiga prisão. Outra grande e basilar questão inerente à fotografia, é a luz. A luz e a sombra, e neste contexto esses factores foram logicamente incorporados na minha selecção de motivos fotográficos, mas mais uma vez sobre a minha condicionante emotiva, ao entrar pela primeira vez nestes territórios tão importantes e definidores de uma sociedade. A luz e sombra como metáfora da dualidade inerente à questão prisional. O bem e mal, a liberdade e a prisão, novamente temáticas tão universais e basilares da condição humana.

Além de uma perspectiva autoral, a que verdadeiramente me interessa ampliar, que necessidades fotográficas existirão no contexto prisional? Que ponte se pode estabelecer entre a sociedade e o sistema prisional? Como fotógrafo acredito que a fotografia promove a discussão sobre esta problemática. Cerca de 90% dos reclusos farão novamente parte da nossa sociedade, directamente. Que condições de reinserção social poderão melhorar? Inúmeras questões se colocam, as minhas continuam a emergir, mas uma certeza tenho na intenção de continuar este projecto de uma forma, agora, também mais documental.

